



TERRA DA GENTE

FAUNA BRASILEIRA

# CACHORRO

*Duas espécies de canídeos comuns no Brasil são muito parecidas e conseguem viver relativamente perto do*

texto **LIANA JOHN**





À noite, todos os cachorros são pardos. Sim, eu sei, o dito popular menciona gatos. Mas a expressão também vale para dois canídeos comuns no Brasil: o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) e a raposa-do-campo (*Pseudalopex vetulus*). Os dois têm pelagem semelhante, mesclada, entre o marrom-claro e o cinza-escuro, e mais ou menos o mesmo porte. Costumam

ser vistos de relance, na beira das estradas ou trilhas, enquanto correm para se esconder. Ambos estão mais ativos entre o crepúsculo e o amanhecer e podem ser confundidos com pequenos cães domésticos.

As duas espécies também têm alguns problemas em comum: são pouco estudadas, pouco valorizadas e frequentam as tristes estatísticas de animais silvestres atropelados ou surpreendidos por queimadas agrícolas. É verdade que

nenhuma delas está na lista oficial de fauna ameaçada de extinção, nenhuma das duas é alvo de caça e ambas conseguem sobreviver em ambientes alterados pelo homem. Mas essa aproximação é ambígua: pode se traduzir tanto em benefícios imediatos – como acesso a alimentos e abrigo – quanto em riscos – como envenenamentos, acidentes relacionados a atividades agrícolas e doenças transmitidas por cães domésticos.

No início de suas pesquisas de campo,

#### PESQUISA EM FAMÍLIA

O cachorro-de-mato (como o desta foto) é bem parecido com a raposa-do-campo, como as das fotos a direita: acima, Fred carrega uma fêmea ao lado da bióloga Fernanda, que abaixo ajuda na biometria de um macho



em 2003, o ainda estudante de Biologia Frederico Gemesio Lemos eventualmente confundia cachorros e raposas. Hoje, tendo concluído mestrado, já como professor da Universidade Federal de Goiás (UFG, campus Catalão) e coordenador do Projeto Ecologia e Conservação da Raposa-do-campo, ele distingue as duas espécies na primeira olhadela.

Não é para menos: nestes 5 anos, Fred, como é mais conhecido, rodou pelo menos 3.500 km na carroceria de sua pl-

## A raposinha prefere comer cupins e frutos

cape, de lanterna na mão, atrás desses animais, reunindo mais de mil horas de observação direta, mesmo sem dispor de radiocolares para auxiliar na localização. Primeiro, estudou a dieta, inferida

a partir da análise das fezes coletadas entre Goiás (Cumarí) e Minas Gerais (Araguari). Depois passou ao levantamento de dados comportamentais, como área de vida e cuidados parentais. Desde 2007, concentra-se na raposinha, cujos hábitos são menos conhecidos. Ficou tão 'íntimo' de alguns animais, que eles permitem sua aproximação, sem estresse, mesmo quando estão com filhotes.

"Apostamos muito nos dados coletados pelo Fred, pois existem poucos

**NOTURNO**

O cachorro – assim como a raposinha – é mais ativo à noite. Os dois canídeos se atrapalham com a luz, por isso não fogem dos carros e acabam morrendo atropelados.



artigos científicos sobre a raposinha e menos ainda com base em observação direta de campo”, comenta o biólogo Rogério Cunha de Paula, do Centro Nacional de Pesquisas para a Conservação de Predadores Naturais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Cenap/ICMBio), que hoje apóia o projeto com material veterinário.

“Assim como em outras regiões brasileiras, no Sul de Goiás, próximo à divisa com Minas, há uma sobreposição do território utilizado pelas duas espécies. Embora não tenhamos registrado nenhum evento de predação, observamos eventos de competição, inclusive agressiva, de um atacar o outro”, explica Fred. “Agora queremos documentar

melhor se essa competição é por alimento ou por território e qual o grau de competição”.

Segundo dados coletados entre 2003 e 2007, a dieta da raposinha varia menos, sendo composta de apenas 11 itens alimentares. Em 91% das amostras analisadas, os cupins constituem o item alimentar mais importante. Em 45% dos casos, esse é o único tipo de alimento consumido!

“Uma das vantagens de consumir esses insetos sociais é sua disponibilidade ao longo de todo o ano. As raposinhas não cavam nem abrem buracos, como tatus e tamanduás; elas consomem os insetos à noite, lambendo a trilha do cupinzeiro quando eles saem”, conta o especialista.

Ele observou até mesmo filhotes novos de raposinha fuçando e forrageando ao redor de cupinzeiros, junto com um de seus pais ou por conta própria.

Em segundo lugar, entre os alimentos mais consumidos, aparecem os besouros, sobretudo as diversas espécies genericamente chamadas de ‘rola-bosta’. E depois vêm os frutos de algumas plantas, como goiaba, gravatá, guapeva e mutamba. Ocasionalmente, a raposinha ainda consome grilos, pequenos roedores, aranhas, lagartinhos (gênero *Mabuia*) e serpentes (colubrídeos ou ‘cobras-cipó’, jararacas e cascavéis).

O ‘cardápio’ do cachorro-do-mato tem mais opções – 26 itens, na região pesquisada – com variação espacial e

## Diferenças sutis

Em campo, à primeira vista, até os pesquisadores se confundem. Tanto os cachorros-do-mato como as raposinhas-do-

campo circulam ao anoitecer, andam rápido, e nem sempre dá tempo de conferir os detalhes que os diferenciam. Mas tudo fica mais fácil quando se aprende o que olhar ou quando se têm os animais imobilizados pela fotografia. Confira:

### **CACHORRO-DO-MATO** (*Cerdocyon thous*)

- Pelagem cinza com preto, às vezes também com marrom-claro
- Patas pretas ou escuras
- Ventre claro
- Cauda pelada e longa, com a ponta preta
- Orelhas médias, ligeiramente arredondadas e escuras nas pontas
- Robusto, pesa de 4,5 a 8,5 kg
- Tem entre 55 cm e 77 cm de comprimento

### **RAPOSA-DO-CAMPO** (*Pseudalopex vetulus*)

- Pelagem cinza-amarelada, variável
- Patas amareladas ou ligeiramente avermelhadas
- Orelhas grandes, triangulares e pontudas
- Focinho curto afilado e garganta branca
- Cauda espessa, escura na base e na ponta
- Esbelta, pesa de 2,5 a 4 kg
- Tem entre 50 e 72 cm de comprimento



sazonal, ou seja, pode incluir itens diferentes em outros biomas e ao longo do ano. Entre os vegetais, os cachorros de Goiás e Minas consomem goiaba, mutamba, gravatá, cana-de-açúcar e capim. Os alimentos de origem animal são insetos, artrópodes, mamíferos, répteis e anfíbios. Em outra pesquisa sobre a dieta dos cachorros-do-mato, realizada no interior de São Paulo, nas proximidades do Parque Estadual Carlos Botelho, a pesquisadora do Cenapi/CMBio, Beatriz Beisiegel, identificou também aves, figos selvagens e muitos coquinhos de jerivá, além de uva japonesa, uma árvore exótica cultivada como ornamental.

Nos dois estudos, não se verificou predominância entre os itens alimenta-

## É grande o número de atropelamentos de animais

res, de modo que a espécie é classificada como oportunista. E são consumidas tanto presas abatidas pelo próprio cachorro-do-mato como animais encontrados mortos.

O hábito de circular muito em busca de alimento – e não desprezar carcaças – acaba por levar os cachorros para perto das estradas, reforçando o risco de atropelamento. “É gigantesco o desperdício

de alimentos nas rodovias. Só percebi isso ao fazer o levantamento de atropelamentos de vertebrados silvestres”, diz Cristiana de Santis Prada, que realizou a pesquisa em seu mestrado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). “É um círculo vicioso: os caminhões derrubam grãos pelas estradas, as aves pousam para comer os grãos e são atropeladas. Depois vêm os cachorros-do-mato para comer as carcaças das aves e morrem atropelados também”.

Durante um ano, Cristiana percorreu dezenas de vezes um circuito de 240 km em 6 rodovias paulistas cortadas pelo rio Mogi-Guaçu, contabilizando 596 animais atropelados, de 81 espécies. Entre os carnívoros, os cachorros-

**VOLTA AO LAR**

A raposa-do-campo deixa gaiola e ganha velocidade (à dir.) na volta para casa, o mesmo local onde foi capturada pelos pesquisadores. Pouco se sabe, ainda, sobre os hábitos da espécie.



**Outros parentes brasileiros**

Do mesmo gênero da raposinha, nos pampas salinos ocorre o *graxaim-do-campo* (*Pseudalopex gymnocercus*), de pelagem cinza-pretada bem densa. O peso do animal adulto varia entre 2,5 e 8 kg e a dieta é oportunista, incluindo roedores, carniça, frutos e insetos.

Existem 3 outras espécies de canídeos (família Canidae) conhecidas no Brasil: o lobo-guará (*Chrysocyon brachy-*

*rus*), o cachorro-vinagre (*Speothos venaticus*) e o cachorro-do-mato-de-orelha-curta (*Atelocynus microtis*).

O lobo-guará é o maior e o mais 'famoso', embora isso não garanta sua sobrevivência. Mede entre 95 cm e 1,15 metro de comprimento (cabeça e tronco), mais 38 a 50 cm de cauda, e pesa de 20 a 35 kg. A pelagem é avermelhada, com as patas longas e pretas. Também tem uma crina preta no dorso. Alimenta-se de pequenos vertebrados, invertebrados e frutas de cerrado.

do-mato foram os mais vitimados (15 indivíduos). A pesquisadora defende uma redução nos limites de velocidade a partir do crepúsculo, quando o alcance visual dos motoristas se torna limitado. "Os animais também ficam visualmente atrapalhados diante dos faróis dos veículos e não conseguem fugir. As pes-

soas estão atentas aos índices de desmatamento e ao fogo, mas não têm idéia do tamanho do estrago que as rodovias representam para a fauna silvestre".

No Distrito Federal, próximo à Estação Ecológica Águas Emendadas, a raposa-do-campo lidera as estatísticas de carnívoros vitimados pelas rodovias,

conforme levantamento feito por Tathiana Bagatini, do Cenap/CMBio. Ela está na lista de espécies críticas, elaborada pela pesquisadora, que também definiu pontos críticos nas 4 estradas estudadas, onde sugere a instalação de redutores de velocidade e reforço na sinalização de aviso aos motoristas.



O cachorro-vinagre é 'gonzinho e batxinho', tem de 57 a 76 cm de comprimento, pesando de 5 a 8 kg. A pelagem é avermelhada; a cauda e as patas são curtas; as orelhas, arredondadas. Habita as áreas mais úmidas e de vegetação mais densa do Cerrado e florestas, do Panamá à Argentina. Apesar da ampla distribuição é naturalmente raro e, por isso, difícil de ser observado. É a única espécie nativa a caçar coletivamente, em grupos de até 10 animais. Por isso, abate presas maiores – como pacas, capivaras, veados e emas – e tem a dentição diferente de todos os demais.

O cachorro-do-mato-de-orelha-curta mede entre 58 cm e um metro de comprimento e pesa de 6,5 a 10 kg, sendo a fêmea bem maior do que o macho. A pelagem do dorso é castanho-acinzentada com um pouco de preto e as orelhas são bem curtas, como indica o nome vulgar. Habita áreas de floresta amazônica do Brasil, Peru, Equador e Venezuela. É naturalmente raro e tem hábitos solitários, movendo-se silenciosamente, quase como um gato. Isso talvez explique o fato de ser a espécie mais difícil de observar e a menos estudada.

Na região de observação de Frederico Gemesio Lemos, existe ainda o risco de atropelamento por trens, sobretudo em trechos de morros cortados para instalação dos trilhos. "As passagens são estreitas e os animais muitas vezes buscam alimento – principalmente roedores que vão comer os grãos caídos dos

vagões –, mas não têm como escapar quando o trem se aproxima. A simples redução da velocidade nos trechos críticos já ajudaria bastante", afirma.

O perigo representado por rodovias ou ferrovias ainda não é algo que os adultos conseguem ensinar aos filhotes, cachorros ou raposinhas. Mas

ambos se dedicam muito à fase de aprendizado dos jovens. Fred conseguiu acompanhar 3 famílias de raposinhas durante vários meses – do nascimento dos filhotes à dispersão –, com algumas observações esporádicas de uma quarta família. "Todas as famílias tinham 3 filhotes. Eles podem permanecer junto



#### PROLE PROTEGIDA

Os filhotes de raposinha – como este, de três meses – são cercados de muitos cuidados pelos pais. Abaixo, casal de cachorros-do-mato



com os pais até os 8 meses de idade. Depois disso não se sabe se ficam por perto ou se vão para longe, em busca de um território próprio. Seja como for, até se virarem sozinhos, os pais dispensam muito tempo à procura de alimento e chegam a ficar sem comer para dar aos filhotes", conta.

O padrão de uso das tocas é mais um aspecto da vida das raposinhas levantado pelo pesquisador. Segundo observou,

cada família usa pelo menos 3 a 4 tocas, transferindo os filhotes de tempos em tempos. As tocas são buracos alargados de tatu – em geral, tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*). As mudanças ocorrem entre o primeiro e quarto mês de vida dos filhotes e a mesma toca pode voltar a ser utilizada. Inicialmente, os pequenos são carregados, "mas nunca vimos uma dessas transferências, feitas, acredito eu, por segurança", pondera Fred.

## Animal na estrada: o que fazer?

*Animais de hábitos noturnos têm mais chances de serem atropelados, seja porque os motoristas não os avistam a tempo de frear ou desviar, seja porque ficam atordoados com os faróis dos veículos, permanecendo no meio da estrada.*

**Para não atropelar cachorros-do-mato, raposas-do-campo ou qualquer outro animal, redobre a atenção e diminua a velocidade ao trafegar:**

- Ao entardecer ou amanhecer, quando esses animais estão mais ativos
- Durante a noite, quando é menor o alcance visual dos animais e dos motoristas
- Próximo a parques, reservas ou áreas com vegetação natural
- Próximo a rios, sobretudo quando as margens estão preservadas

Quando maiores, os filhotes são 'convidados' a ir caminhando. "O pai mostra a comida e sai andando, para os jovens virem atrás. A literatura menciona que a raposinha é essencialmente solitária, mas verificamos um cuidado parental muito intenso, do pai e da mãe", relata.

A dedicação da família de Fred à sua pesquisa também é muito grande. Nos primeiros anos, o pai do pesquisador desempenhava o papel de motorista da



### Ao notar um animal atropelado na pista:

- Não pare na rodovia, mesmo o acostamento só deve ser usado para emergências e por períodos bem curtos
- Assim que possível, anote a estrada (número e/ou nome, se é de asfalto, de terra, quantas faixas), a quilometragem e o sentido da pista
- Anote a espécie atropelada, as condições

de tempo (chuva, neblina), data e hora

- Informe a concessionária ou órgão responsável pela estrada, que deverá socorrer o animal ferido ou retirar a carcaça (se já estiver morto)
- Se decidir parar (fora da rodovia) para observar melhor, não toque no animal. Se ferido, ele poderá atacar e, mesmo morto, poderá transmitir doenças
- Se decidir fotografar, lembre de colocar algo ao lado do animal para servir de pa-

râmetro para o tamanho (uma caneta ou uma caixa de fósforos, por exemplo)

- Transmita as informações coletadas para o Instituto Pró-Carnívoros por meio do formulário eletrônico disponível no link [www.procarnivoros.org.br/atropelamentos\\_form.php](http://www.procarnivoros.org.br/atropelamentos_form.php). Diga se presenciou o atropelamento ou só encontrou a carcaça. Os dados servirão para ajudar a apontar locais com muitos atropelamentos e contribuir para mobilizar soluções mais adequadas a cada caso.



Foto: R. N. S.

TERRA DA GENTE | João Haddad

picape para o filho seguir os animais e, desde 2006, Fred compartilha com sua esposa, Fernanda Cavalcanti de Azevedo, a coordenação do projeto. Fernanda também é bióloga, com mestrado em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A maior parte dos recursos financeiros também é, essencialmente, uma contribuição familiar, com algum aporte de colaboradores como a pesquisa-

dora Nucharin Songsasen, do Instituto Smithsonian (EUA), interessada nos aspectos de saúde e reprodução; o veterinário Matias Pablo Juan Szabó, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), interessado em parasitas (carrapatos, em especial) e a ecóloga e estatística Kátia Gomes Fature, da União Educacional Minas Gerais (Uniminas).

Agora o Projeto Raposa-do-Campo busca novos recursos e parceiros para gerar

mais conhecimento sobre esses canídeos tão importantes para a manutenção do equilíbrio ecológico das áreas onde vivem. A próxima meta é definir o padrão de dispersão dos filhotes crescidos, verificar quantos sobrevivem até a maturidade a cada ano e definir a área de vida de cada indivíduo para entender as necessidades básicas de conservação. Cachorros ou raposas, esses simpáticos canídeos bem merecem um pouco mais de atenção.

